

Desmistificando a Amazônia: Uma análise da decolonialidade do podcast “Carta Amazônia”¹

Valéria Cristina Gonçalves Ramos²
Carla Vitória Gomes Ferreira³
Samara Vitória Ribeiro de Oliveira⁴
Amanda Gabryela Ferreira da Silva⁵
Allana Graziella Pinto e Silva⁶
Angel Viana Guerreiro⁷
Prof^a. Dr^a. Vânia Torres Costa⁸

Resumo

Este artigo possui a proposta de analisar o podcast “Carta Amazônia”, que tem como foco debater e dar visibilidade a temáticas socioambientais e que envolvem a Amazônia, priorizando ampliar as vozes de pessoas oriundas da região Norte. O objetivo é investigar através da teoria do jornalismo *Framing* (Enquadramento), de que forma esse veículo faz oposição a narrativas criadas sobre a região amazônica e sobre as pessoas que vivem nesse território, atuando de forma decolonial.

Palavras-chave: podcast; Amazônia; decolonialidade; enquadramento.

Introdução

O *podcast* é uma mídia que se popularizou bastante no Brasil e pode ter diferentes enfoques como política, economia, notícias, e diversas outras editoriais, sendo inclusive utilizado por veículos da imprensa tradicional como forma de atingir outros públicos, tendo como exemplo o podcast “Boletim Folha”, da Folha de São Paulo e o “Resumão Diário” do G1.

De acordo com um estudo feito em 2023 pela plataforma de análise de dados, Data Reportal, divulgado pela revista Exame, cerca de 42,9% dos brasileiros com acesso à internet entre 16 e 64 anos, consomem esse meio de comunicação semanalmente, tendo um expressivo público. Logo, é possível concluir que essa mídia possui um papel relevante na disseminação de informações.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação, 5º semestre, do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: valeria.ramos@ilc.ufpa.br

³ Estudante de graduação, 5º semestre, do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: carla.ferreira@ilc.ufpa.br

⁴ Estudante de graduação, 5º semestre, do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: samara25ribeiro@gmail.com

⁵ Estudante de graduação, 5º semestre, do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: amandagab65@gmail.com

⁶ Estudante de graduação, 5º semestre, do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: allana.silva@ilc.ufpa.br

⁷ Estudante de graduação, 5º semestre, do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: astraviana24@gmail.com

⁸ Orientadora, professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: vaniatorres@ufpa.br

Levando em consideração esses fatos, trouxemos como temática central a ser discutida a região Amazônica, que está sendo foco mundial devido às discussões sobre pautas climáticas que já começam a se tornar mais acaloradas, em virtude da realização da COP-30 em Belém do Pará, em 2025. Desde o período da colonização, essa região foi vista pelos colonizadores como um local de mistérios, por causa da flora e fauna nunca vista, além do estranhamento de encontrar com povos indígenas que possuíam crenças e um modo de vida visto pelos europeus como muito diferente do que era estabelecido como o certo para eles.

Durante esse processo, foi criada uma imagem da região Amazônica que não condiz com a realidade, conforme Neide Gondim (2019), “[...]Um imaginário construído, alimentado pelo discurso homogêneo do colonizador, que se coloca como modelo superior, aproxima o que lhe parece familiar e recrimina e exclui tudo aquilo que lhe causa estranheza”.

Assim como em diversos aspectos da realidade brasileira, ainda é possível observar as consequências da colonização, e com a Amazônia essa situação não poderia ser diferente, já que ainda repercutem as narrativas construídas no período de chegada dos europeus, como a visão homogênea de que os povos indígenas poderiam ser vistos como um só, ignorando a pluralidade de suas culturas e particularidades, além da mistificação na floresta da Amazônia com a criação de histórias e narrativas fantásticas e a animalização dos nativos e subjugação desses indivíduos ao que era considerado pelos invasores como o certo, havendo um apagamento de questões essenciais no que se refere à composição daquelas sociedades, como sua religião, forma de se comportar, o idioma e a aparência.

No sentido de Orlandi, essas enunciações criam uma nova tradição, um processo de identificação que terá continuidades na nação que mídia nstruída. São discursos reiterados historicamente na literatura, na Produção científica, nas escolas, na religião, nos mais diversos campos e mais recentemente, na mídia. (Torres, Vânia, 2022, p. 46)

Um dos elementos principais que estão envolvidos no processo de produção de uma notícia é o enquadramento, que seria a forma como determinado fato foi divulgado e a própria escolha daquele acontecimento para circular nos veículos de comunicação. O autor Elton Antunes (2008) faz a diferenciação conceitual de como o acontecimento e o acontecimento jornalístico são distintos:

Do ponto de vista biográfico ou histórico, um acontecimento pode implicar uma quebra de expectativas, uma abertura para possibilidades não previstas. Mas a mídia faz emergir um acontecimento a partir de um “processo evenemencial”, no qual a desordem semeada pelo acontecimento, sua

imprevisibilidade, é posta em um quadro contextual, em um mundo significado. [...] O acontecimento funciona, pois, como uma ocorrência inicial que demanda a construção de uma interpretação, sua transformação em fatos, em acontecimentos jornalísticos. (Antunes, 2008, p.4)

O modo que algum acontecimento é enquadrado irá definir como será feita a leitura da realidade por aqueles que estão tendo acesso às informações, e relacionando com as problemáticas trazidas sobre a narrativa que foi criada sobre a região amazônica, e as pessoas que habitavam e habitam esse território, é possível compreender que dependendo do enquadramento que for dado à notícias referentes a essa temática, poderá haver uma perpetuação de estereótipos que começaram a ser criados desde a invasão europeia e que foram continuamente reforçados em várias estruturas da sociedade, impactando a percepção tanto das pessoas que moram naquela localidade sobre sua própria cultura, quanto daqueles que não fazem parte daquela conjuntura, levando a ver os amazônidas, indígenas e outras comunidades como “os outros”.

Unindo todos os componentes que integram este artigo, chegamos à decolonialidade, prática de resistência à colonialidade que persistiu e ainda persiste na sociedade, graças ao processo de apagamento e violência sofrido não só no Brasil como também em diversas regiões da América Latina. Esse ato de resistência vem sendo feito há muitos séculos por comunidades tradicionais como indígenas e quilombolas, mas só ganhou um título no fim dos anos 90, graças às obras de intelectuais latinos como “Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina” (Quijano, 2005) e “Pedagogias decoloniais, práticas insurgentes de resistir (re)existir e (re)viver” (Walsh, 2013) que se dedicaram aos estudos da decolonialidade, ou seja, formas de reverter os efeitos da colonização, e este conceito será trabalhado ao longo deste artigo como mais um elemento norteador.

O Podcast

A palavra *podcast* é uma junção de “Pod”, de *iPod6*, cuja sigla significa *Personal on Demand*, ou “pessoal sob demanda” e *cast*, que vem de *broadcast*, ou “transmissão”. (Falcão e Temer, 2019, p.2)

Essa mídia foi criada pelo ex-apresentador estadunidense, Adam Curry para facilitar a vida do ouvinte internauta (Temer e Falcão, 2019) e segundo Medeiros (2005), Adam queria que o usuário pudesse ter acesso a um novo conteúdo de forma instantânea, no momento de sua publicação, e o *podcast* surge enquanto ferramenta técnica:

Então ele criou o *Ipodder* com a colaboração de diferentes programadores através da Internet. Este *software* utiliza a tecnologia RSS (*Really Simple*

Syndication) que permite a busca automática de arquivos que são de interesse do usuário criando uma espécie de “personalização de conteúdos”. Essa tecnologia é muito utilizada para a distribuição de notícias em portais de jornalismo on-line. Na prática o *Ipodder* – assim como outros *softwares* semelhantes que podem ser baixados gratuitamente pela Internet – funciona da seguinte forma: durante os intervalos de uso do seu computador, ele procura arquivos *podcast* (RSS em formato de áudio) em milhares de *feeds* espalhados pela rede, salvando-os no HD, ou diretamente em seu dispositivo portátil (...) (Medeiros, 2005 *apud* Falcão e Temer, 2019, p. 3)

O *podcast* pode ser visto como uma forma “atualizada” do rádio, e que vem com modificações feitas para atender as demandas da sociedade atual por dar maior controle dos conteúdos que são consumidos e pela variedade de assuntos que são abordados de forma mais livre e diversa do que na rádio. Esse processo de transformação consiste na metamorfose do meio, denominado de “radiofusão” (Winter e Viana, 2020 *apud* Prata, 2008).

Essa mídia, utilizada por muitos veículos de comunicação como uma forma alternativa de atingir um público diferente do usual, tem um caráter convergente no que se refere “ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia” (Jenkins, p. 30, 2009) que é a capacidade de um produto midiático transitar em diversos meios de comunicação, dessa forma o *podcast* pode não ser produzido no formato de áudio como também ser elaborado para o audiovisual, o chamado *videocast*, além de diversas outras categorias, tendo sido até criada uma classificação:

1. Micro-boletins - boletins de notícias curtos de apenas alguns minutos que visam fornecer um resumo rápido das notícias do dia. Geralmente, eles são direcionados a dispositivos de voz como o *Amazon Alexa* e o *Google Home*. Os exemplos incluem *BBC Minute* e *NPR News Now*. 2. Resumos de notícias – são podcasts mais longos que têm o objetivo de informar as pessoas em momentos específicos do dia com uma breve atualização. Os exemplos incluem o *FT News Briefing*. 3. Análise aprofundada -geralmente leva uma história para uma análise mais profunda. Os exemplos incluem *The Daily* do *New York Times*. (Falcão e Temer, 2019, p.7 *apud* Newman & Gallo, 2019, p.18)

Há ainda uma última diferenciação entre podcasts nativos ou não. Os nativos são aqueles feitos exclusivamente para o formato de podcast, enquanto os não-nativos são originalmente reproduzidos em outros meios, como rádio ou televisão, e posteriormente disponibilizados em forma de podcast (Falcão e Temer, 2019, p.8).

Com a popularização desse veículo, nasceu um novo meio de disseminar informações, de forma tanto hegemônica quanto contra hegemônica, o segundo aspecto possui grande relação com o conceito de decolonialidade, pois através dessa desconstrução e iniciativa de superar os efeitos do colonialismo, que está enraizado no sistema político, econômico e social vigente, o *podcast* se consolida também como uma ferramenta potente de transformação crítica e que proporciona novas habilidades de resistência contra padrões e estruturas de poder que foram criados e se mantiveram até hoje devido a colonização.

Carta Amazônia e o Enquadramento Decolonial

A agência de Comunicação Carta Amazônia surgiu inicialmente como um podcast em 2020, que tinha como principal objetivo tratar de assuntos relacionados à Amazônia em todos os âmbitos, como economia, política, sociedade, justiça climática e direitos humanos. A iniciativa surgiu a partir de três jornalistas paraenses, Adison Ferreira, Cecília Amorim e Eraldo Paulino. Posteriormente também foi e continua sendo realizado o projeto “Escola Carta Amazônia de Jornalismo Socioambiental”, que capacita estudantes e jornalistas recém-formados para a cobertura da pauta socioambiental na Amazônia.

A partir desta apresentação do objeto de estudo, o conceito de *framing* ou enquadramento, é uma peça-chave para a construção deste artigo, e refere-se a forma como a informação é apresentada ao público, influenciando como as pessoas que terão acesso a determinada situação ou fato irão interpretá-la.

O enquadramento dado às notícias tem grande importância, já que define como o público/espectador irá compreender determinado fato, associado a isto, a seleção de quais fatos serão divulgados, teoria do jornalismo chamada de *Gatekeeping*⁹, também são essenciais, tendo inclusive categorias de enquadramentos:

O noticioso e o temático são os principais enquadramentos. O noticioso seleciona e enfatiza, sendo que o jornalista organiza as informações, como Porto mesmo classifica, seria o “ângulo da notícia” (2002, p.91), neste enquadramento o jornalista além de escolher os fatos, precisa saber o que de mais importante o assunto traz para a publicação. E o temático é o resultado das escolhas feitas pelo jornalista, do que diz respeito ao formato da matéria, sendo assim, quando estiver trabalhando em uma reportagem de saúde, todos os recursos que ele for usar (linguagem, imagens, infográficos) vão ter ligação com o assunto. (Aita, Pricila, p.6, 2010.)

⁹ Gatekeeping no jornalismo refere-se a um processo de seleção e filtragem de notícias, onde determinados eventos são escolhidos para serem divulgados enquanto outros são ignorados.

Em uma comparação entre o enquadramento feito pela mídia tradicional e pelo *podcast* “Carta Amazônia”, é possível notar como há uma grande diferença de abordagens, já que na mídia hegemônica geralmente são mostradas características da região Norte que se resumem à floresta ou sob uma ótica do “exótico”, e também sob a perspectiva de correspondentes de fora dos estados que estão sendo focos da notícia:

“Em *Terra do Meio*, os apresentadores dizem sem cerimônia: “lugar de nome estranho: Terra do Meio”, [...]Em Amazônia Urbana, é o repórter quem considera esquisito o nome de um município paraense: “O nome do lugar...Medicilândia.” Por outro lado, quando a equipe encontra uma cidade chamada Ipanema, no Amazonas, a identificação é total. Uma das integrantes da Caravana JN comenta: “Ipanema” (sorridente). Ipanema. “Não é legal Ipanema no Amazonas?” (sorri). (Costa, p.135, 2022)

Esse comportamento de estranhamento, perpassa pelo conceito de raça que foi criado e amplamente utilizado no período de colonização, como uma forma de justificar a dominação dos povos que estavam sendo escravizados, como indígenas e negros, e que ainda reverbera na forma como as características, tais como modo de vida e até mesmo nomenclaturas (nomes de cidades, pessoas e etc.) são vistos por aqueles que são “de fora”.

[...]Os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade.” (Quijano, 2005)

Uma análise do *podcast* Carta Amazônia

Foram analisados quatro episódios do *podcast* “Carta Amazônia”, que tiveram como enfoque temáticas como vivências negras amazônidas e de pessoas trans na Amazônia, racismo ambiental e os efeitos negativos da mineração.

Título do episódio	Data de publicação
Carta Amazônia 17: Identidades Negras Amazônidas	29 de novembro de 2023
Carta Amazônia 18: Os desafios das pessoas Trans na Amazônia	30 de janeiro de 2024
Carta Amazônia 19: Episódio especial 1: Racismo ambiental, produzido por alunos da	13 de maio de 2024

Escola Carta Amazônia de Jornalismo ambiental.	
Carta Amazônia 20: Episódio especial 2: Os efeitos negativos da Mineração, produzido por alunos da Escola Carta Amazônia de Jornalismo ambiental.	3 de julho de 2024

Para a realização da análise, foram escutados quatro episódios do podcast selecionado, com atenção especial à condução dos entrevistadores e às respostas dos participantes. O foco esteve na forma como os temas eram abordados, considerando os enfoques dados em cada episódio, de acordo com a temática discutida. Foram registradas as perguntas formuladas, os posicionamentos dos convidados e os principais trechos de fala que se destacaram por seu conteúdo analítico ou opinativo, de modo a identificar elementos relevantes para a compreensão crítica do material.

Os episódios tiveram como enfoque temáticas como vivências negras amazônicas e de pessoas trans na Amazônia, racismo ambiental e os efeitos negativos da mineração. Em todos eles, foram trazidas fontes, que em sua maioria são da região Norte, para dar credibilidade ou depoimentos em relação ao tema do episódio, inclusive com o comparecimento, de forma presencial e online de especialistas da UFPA sobre o referido tema, como as professoras Zélia Amador de Deus e Maria Amélia Enriquez.

Uma perspectiva muito interessante é oferecida ao se ter uma mídia independente tratando de assuntos da região Norte, já que a visão que ganha mais notoriedade é a de veículos da mídia hegemônica, que tratam majoritariamente de assuntos “polêmicos” da região Norte como queimadas, desastres envolvendo mineração, e questões ambientais, mas dificilmente abordam temáticas mais particulares dessa localidade. No primeiro episódio analisado, “Identidades Negras Amazônicas”, foi inclusive citado por uma das convidadas do *podcast* como o Norte ainda é tratado como uma colônia do Brasil, útil para o fornecimento de matérias-primas para a exportação, mas vista como incapaz de produzir conhecimento científico e de ter potenciais na região além da exploração.

Como citado anteriormente, foi feita uma construção da ideia da região amazônica desde o período da colonização e que persiste atualmente, sendo os veículos de comunicação um meio para esses estereótipos, criando uma imagem generalizada da região, e nessa construção também ocorre o apagamento das individualidades das regiões que compõem o Norte, inclusive sua própria divisão geográfica:

“Percebe-se, nos trechos selecionados, que, na oferta discursiva sobre o Norte do País o que sobressai é a floresta. A divisão política é apagada. Os Estados da região são apresentados em sua relação com a “selva”, ora como guardiões

da memória e da mata, ora como palco de ilegalidades, conflitos e denúncia, ou ainda como palco de experiências para o desenvolvimento sustentável e a preservação”. (Costa, 2022, p.138.)

Veículos de comunicação como o “Carta Amazônia” possuem um papel fundamental nessa mudança de narrativa, já que além de se aprofundarem em questões que pouco são discutidas em relação às populações que vivem na Amazônia, a produção dos conteúdos é feita por pessoas que também são da região e vivenciam a realidade apresentada.

O *podcast* tem um teor muito didático, esclarecendo termos que podem ser comuns para pessoas integrantes do meio acadêmico como “Embranquecimento” ou “Colorismo”, mas que para pessoas que não estão nesse meio podem ser uma grande incógnita.

No primeiro episódio analisado, “Identidades negras Amazônicas”, dentre os assuntos debatidos, foi trazido pelas participantes suas experiências no seu processo de “descoberta” enquanto mulheres negras e as difíceis experiências vivenciadas ao longo da vida por conta do racismo. Foi também remontado o passado colonial do Brasil e discutido entre as convidadas como ele interfere até hoje no reconhecimento da negritude de pessoas negras nortistas:

“A gente tem uma região que é considerada a periferia da periferia do Brasil, então as pessoas negras da Amazônia, do Norte e nordeste do Brasil, as nossas intelectuais, as nossas artistas, a nossa ciência isso não foi difundido, pra mim isso é reverberação dessa política de embranquecimento e associada a essa questão do racismo ambiental, [...] E a gente vê uma negação do negro da Amazônia para o resto do Brasil, então quando se tem ao longo dos anos a difusão do pensamento negro, a gente consegue citar vários intelectuais que estão no eixo Rio-São Paulo e Brasília, mas o Brasil tem uma dificuldade de olhar para sua negritude no Norte do mapa.” (Fala da convidada e multiartista Joyce Cursino no episódio “Identidades negras Amazônicas”)

Neste episódio também foi feita referência ao Pacto da Branquitude (Bento, Cida, 2022) que se refere à manutenção da estrutura de poder que concede privilégio a pessoas brancas:

“Essa cultura que foi trazida pelos nossos ancestrais para esse país deveria estar sendo trabalhada nas escolas, mas não é, e faz parte desse pacto da branquitude, porque, não é interessante te manter à parte? Porque tu não conheces de onde tu vens e tu nem sabe quem tu és? E assim não é mais fácil te dominar?” (Fala da mediadora e jornalista integrante do podcast Carta Amazônia, Cecília Amorim, no episódio “Identidades Negras Amazônicas”)

Todos esses questionamentos e observações referentes a este passado colonial, e estratégias utilizadas até hoje para manter os privilégios herdados por grupos políticos que compõem a elite brasileira, são extremamente precisos e especialmente a fala feita sobre a tentativa de apagamento e invisibilização da cultura negra no país, concorda com o pensamento e a analogia feita pelo intelectual quilombola, Nêgo Bispo:

“Eu aprendi que adestrar boi e colonizar é a mesma coisa. Então eu fui colonizador dos coitados dos bois [...] quando eu queria adestrar um boi, a primeira coisa que eu fazia era tirar o boi do seu território ou confinar o boi no seu território. Mas estabelecia um limite. O boi só podia andar na mata por onde eu quero. Então eu faço uma cerca, confino ele ali dentro e tiro o boi do seu sagrado, da sua cosmologia, da sua relação com a natureza. E lhe boto um nome, um nome vazio, um nome fraco. Colonialista faz a mesma coisa. Colonialista pega um povo, confina no seu território ou tira do seu território e bota um nome. Tudo parecido.” (LEAL, Natacha Simei et al, p.6, 2019)

A fala do filósofo e poeta Nêgo Bispo expressa com clareza todo o processo de colonização e a profundidade dos impactos que ocorrem.

Considerações Finais

Levando em consideração todas as informações que foram trazidas e o enquadramento comumente feito pela mídia hegemônica, o *podcast* “Carta Amazônia”, possui uma proposta extremamente importante e decolonial, por buscar se opor e se aprofundar em questões muito mais complexas que permeiam a área que envolve a Amazônia e as pessoas que habitam essa região.

Ao dar visibilidade a temáticas comumente invisibilizadas e tratá-las sob a perspectiva de nortistas e amazônidas, além de destrinchar conceitos importantes na discussão de assuntos como negritude, vivências de pessoas trans e principalmente trazer fontes que vivenciem a realidade que está sendo noticiada, este veículo realiza um importante trabalho de colaborar para a desconstrução de ideias equivocadas que foram difundidas na sociedade brasileira por séculos sobre a região Norte e Amazônica.

Referências

AITA, Pricila Aparecida. Olimpíadas de 2016 na Revista Veja: um estudo da teoria do enquadramento. *Anagrama*, v. 4, n. 1, 2010.

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. *Contemporânea*, v. 6, n. 1, 2008.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

Carta Amazônia 17: Identidades Negras Amazônidas [Locução de]: Cecília Amorim. 29 de Nov. de 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0rCkWdkW2AJK3qHim9KYL8?si=r72mHb1fTe-omKaoWe1wCw>

Carta Amazônia 18: Os desafios das pessoas Trans na Amazônia [Locução de]: Cecília Amorim. 30 de Jan. de 2024. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/4I4yiTmZIWprLyRhBSEr0k?si=YCmh3O2ZT8u6XA9_f1hODeg

Carta Amazônia 19: Episódio especial 1: Racismo ambiental, produzido por alunos da Escola Carta Amazônia de Jornalismo ambiental. 13 de mai. de 2024. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7tjF2YbNgGpRwCG6qNqcZf?si=jkbxbvrrT52U22OL_Tqk1YA

Carta Amazônia 20: Episódio especial 2: Os efeitos negativos da Mineração, produzido por alunos da Escola Carta Amazônia de Jornalismo ambiental. 3 de jul. de 2024. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7tjF2YbNgGpRwCG6qNqcZf?si=bIBCbqdnScOTXV_oOdY7ORw

COSTA, Vânia. **À Sombra da Floresta**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2022.

Cultura da Convergência. In: HENRY, Jenkins. **Cultura da convergência**. São Paulo: editora Nyu Press, 2009.

DE CARVALHO PENALVA, Liozina Kauana. A INVENÇÃO DA AMAZÔNIA, DE NEIDE GONDIM. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 12, n. 28, 2019.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2019.

LEAL, Natacha Simei et al. Das confluências, cosmologias e contra-colonizações. Uma conversa com Nego Bispo. **Revista EntreRios do Programa de Pós- Graduação em Antropologia**, v. 2, n. 1, 2019.

LOPES, André. Estudo do Spotify revela que audiência de podcasts é 3,5x maior nos dias úteis. Exame, São Paulo, 10 de novembro de 2023. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/estudo-do-spotify-revela-que-audiencia-de-podcasts-e-35x-maior-nos-dias-uteis>.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

VIANA, Y. W. E. Rádio e Podcast: **Estratégias de Adaptação Multiplataforma**. 2020.

WALSH, C. Pedagogias decoloniais, práticas insurgentes de resistir (re)existir e (re)viver. Abya Yala. 2013.